



**DIMENSÕES PESSOAIS E COLETIVAS DAS (RE) CONSTRUÇÕES MEMORIALÍSTICAS SOBRE O CABO ANSELMO NA IMPRENSA BRASILEIRA**

José Alves Dias<sup>1</sup>  
Lúcia Viana dos Santos<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

O presente resumo analisa as diferentes dimensões memorialísticas acerca de José Anselmo dos Santos, um marinheiro de primeira classe que ficou conhecido como o “Cabo Anselmo” após liderar a Revolta dos Marinheiros em 1964. Nesse episódio, ocorrido às vésperas do golpe, os marujos reivindicaram direitos trabalhistas e apoiaram as reformas de base propostas de João Goulart. A assembleia, ocorrida no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, foi desautorizada pelo ministro da Marinha Silvio Frota e, posteriormente, apoiada pelo presidente da República, causando um incidente político e cristalizando as polarizações existentes nas Forças Armadas.

Nas décadas posteriores, Anselmo foi acusado de colaborar com os órgãos de repressão ao mesmo tempo em que participava de grupos guerrilheiros na luta armada contra a ditadura. Sua primeira prisão aconteceu logo após o golpe, no entanto, conseguiu fugir, em 1966, com ajuda de membros da organização de esquerda Política Operária (POLOP). Ainda hoje há desconfianças sobre as circunstâncias dessa evasão que pode ter sido facilitada por ser o ex-marinheiro um agente infiltrado.

No final daquele mesmo ano ele passou à clandestinamente e exilou-se no Uruguai, onde manteve contato com grupos de militares cassados e acabou filiando-se ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), liderada pelo então ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Em 1967 foi enviado para Cuba para realizar treinamento de guerrilha, retornando ao Brasil em 1970, já como militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Sua segunda prisão ocorreu em 1971 e, logo em seguida, muitos militantes são

1 Doutor em História Social pela UFRJ. Atualmente é Professor Titular no Departamento de História e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: [jdiashistory@gmail.com](mailto:jdiashistory@gmail.com)

2 Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil. Endereço eletrônico: [luciaviana2014@hotmail.com](mailto:luciaviana2014@hotmail.com)



presos, o que, de acordo com o jornal Folha de São Paulo, levou os militantes do comando regional da VPR, em São Paulo, a suspeitarem de que Anselmo fosse um infiltrado, todavia, somente em 1973, após massacre ocorrido na Chácara de São Bento, em que seis militantes são mortos, inclusive Soledad Barret, é que os militantes de esquerda confirmam a sua condição de informante.

O controverso personagem ficou pouco tempo na prisão e voltou a participar da Vanguarda Popular Revolucionária, ao lado do comandante Onofre Pinto que, mesmo alertado, preferiu não acreditar imediatamente na acusação de ter um agente infiltrado na organização. Mas, segundo depoimentos do próprio Cabo Anselmo, ele passou a colaborar com a repressão em 1971, após essa prisão, quando passou por duas sessões de tortura e decidiu delatar diversos companheiros de luta, inclusive sua namorada, Soledad Barret, capturada, torturada e assassinada sob o comando do delegado Sergio Paranhos Fleury que, naquele momento, já era “chefe” do Cabo Anselmo.

No ano subsequente ele foi dado como morto e, tentando livrar-se da controvérsia, alterou suas características físicas com cirurgias plásticas, transformou-se em personagem misterioso e permaneceu no completo obscurantismo por muito tempo. No entanto, reapareceu em 1984, numa entrevista ao jornalista Octávio Ribeiro, da revista semanal Isto É, tentando comprovar sua identidade ocultada durante a ditadura.

Junto com isso, uma nova versão sobre a sua atuação foi dada em 1990, ao jornalista Percival de Souza. Em 2009, novamente aparece no programa Canal Livre, da Rede Bandeirantes e daí por diante fez diversas aparições públicas e protagonizou várias reportagens, inclusive no jornal Folha de São Paulo. Na entrevista que concedeu ao programa Roda Viva, em 2011, quando questionado sobre a morte de Soledad Barret, afirma que realmente participou da delação, no entanto, disse que não saber o que poderia acontecer a ela. Para solidificar sua versão esse e outros acontecimentos durante a ditadura escreveu sua autobiografia intitulada “Cabo Anselmo: Minha Verdade”, lançada em 2015.

Assim, as versões produzidas pelos militantes da VPR e difundidas durante mais de uma década foram contestadas por José Anselmo dos Santos com a finalidade de construir uma imagem diferente a seu respeito. Diante disso, o esse resumo, originado de pesquisa em andamento, busca analisar a coexistência de diferentes memórias reveladas em circunstâncias bastante díspares e com objetivos distintos.

## METODOLOGIA



Com base na pesquisa realizada no Jornal A Folha de São Paulo existe, pelo menos, duas memórias sobre o Cabo Anselmo: a primeira se refere é memória coletiva de um grupo, os militantes da Vanguarda Popular Revolucionária, reproduzida ao longo dos anos pela imprensa brasileira, dando uma conotação negativa aos seus feitos. A segunda é do próprio indivíduo que fala de si, justificando sua atuação em função do contexto e arriscando-se a reabilitar a memória do marinheiro subversivo.

Para comparar tais versões memorialistas foram utilizadas fichas com resumos das informações coletas no jornal A Folha de São Paulo, entre os anos de 1970 e 1973, como também em outros periódicos e revistas, disponíveis *online*, sobre as décadas anteriores e posteriores, com o intuito de identificar e analisar relatos de memória de militantes da VPR e do Cabo Anselmo sobre sua condição de delator. Os artigos selecionados foram catalogados em um banco de dados, classificados por data e edição do jornal e/ou revista, contendo anexo com a íntegra do texto. Excepcionalmente, foram consultadas, também, as entrevistas de José Anselmo dos Santos no Programa Roda Viva e no canal r7 notícias.

O jornal Folha de São Paulo, em edição do dia 14 de outubro de 1979, traz uma matéria intitulada “Cabo Anselmo, um agente secreto”, do jornalista Henrique Lago. A reportagem, segundo informa o autor, é baseada em entrevista de militar anônimo, que informa, inclusive, sobre a possibilidade do Cabo Anselmo já ter sido infiltrado antes de 1964 e ter colhido informações importantes durante o seu treinamento em Cuba, onde chegou em 1967, na condição de representante do Movimento Nacional Revolucionário (MNR), ocasião em que se aproximou de Aloísio Palhano e, juntos, formaram o primeiro núcleo de treinamento da VPR.

Em 1992, uma reportagem da Revista Veja, informa que os infiltrados tinham salários e até mesmo contrato de trabalho, contudo, esses dados são negados por Cabo Anselmo. Em outra reportagem da Folha de São Paulo, do dia 21 de maio de 2012, o jornalista Lucas Ferraz oferece aos leitores a seguinte matéria: “Cabo Anselmo já era agente duplo em 64, dizem documentos”, segundo a qual, documentos secretos produzidos pelo serviço de inteligência da Aeronáutica, no período da ditadura militar, indicam que o marinheiro já era informante antes do golpe, no entanto, quando os documentos não foram encontrados quando formalmente solicitados.

O contraponto pode ser encontrado, também, na imprensa. No canal r7 notícias há uma entrevista com Cabo Anselmo, realizada pelo jornalista Álvaro Magalhães, em 19 de julho de 2015, em que ele fala da sua versão sobre os fatos e afirma que começou sua



colaboração com a ditadura em 1971. Além disso, relata que se decepcionou quando esteve em Cuba comparada ao desenvolvimento econômico do Brasil. Ao ser questionado sobre os motivos que o levaram a participar das delações alegou inconformismo com a luta armada e, convencido pelas torturas, transformou-se num colaborador da nação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação que enseja esse resumo compõe uma pesquisa sobre as ações ideológicas na construção das memórias sobre as organizações de esquerda no Brasil, ainda em andamento, e apresenta resultados parciais. No entanto, tendo como base os arquivos de jornais e revistas já coletados e analisados, é possível afirmar que há uma memória bastante consolidada sobre o Cabo Anselmo como informante dos órgãos de repressão durante a ditadura militar, responsável direto pela morte de Soledad Barret e pela eliminação da VPR. Concomitantemente, as fontes demonstram que o marinheiro em destaque vem tentando desconstruir essa memória e forjar, ocultando e generalizando situações, naquilo que Roberto Janine (1998) chamou de “seleção de si”, ou seja, procura ele divulgar o que de mais importante aconteceu na sua vida, selecionando o que ele considera importante ser divulgado.

## CONCLUSÕES

As notícias publicadas na imprensa permitem concluir que há versões divergentes sobre a atuação de José Anselmo dos Santos, no entanto, a versão de que teria passado a colaborar com a ditadura, apenas em 1971, prevalece e sobrepõe-se aos relatos de militantes da VPR. Conquanto os fatos não estejam plenamente esclarecidos parece razoável verificar a ênfase dada à versão de que a tortura motivou a decisão de tornar-se um agente infiltrado. Tal concepção ameniza a responsabilidade sobre o sofrimento e a morte de dezenas de pessoas, bem como, fortalece a percepção de um Estado de Segurança Nacional firme no propósito de expurgar a ameaça comunista projetada no inimigo interno. Ao fugir, ele próprio, de alguns temas desse debate deixou transparecer que não tinha noção dos acontecimentos, cria lacunas propositais e estabelece um apagamento silencioso de sua



trajetória como agente da repressão. Não obstante sua condição não permita classificá-lo como um elemento a serviço da classe dominante, uma vez que por ela foi descartado sumariamente, a reedificação das bases de uma nação sólida e compacta é a principal explicação para validar a violência institucionalizada na ditadura.

**Palavras-chave:** Repressão. Ditadura militar. Memória.

## REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou. **Revista Estudos Históricos**. FGV, v.11, nº 21, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068/1207>.

FILHO, Expedito. Anatomia da Sombra: os informantes do porão militar tinham contrato de trabalho e salários para delatar. **Veja**, São Paulo, edição 1235, p.40-41, 20 maio 1992. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/>.

FERRAZ, Lucas. Cabo Anselmo já era agente duplo em 64, dizem documentos. **Folha de São Paulo**, Brasília, 21 de maio, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/44105-cabo-anselmo-ja-era-agente-duplo-em-64-dizem-documentos.shtml>.

LAGO, Henrique. Cabo Anselmo, um agente secreto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 out. 1979. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/>.

MAGALHÃES, Alvaro. Exclusivo: espião da ditadura, Cabo Anselmo diz que foi traído por chefe da repressão após entregar namorada. **R7.com**, 19 jul. 2015. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/exclusivo-espiao-da-ditadura-cabo-anselmo-diz-que-foi-traido-por-chefe-da-repressao-apos-entregar-namorada-19072015>.